

Elogio do ócio – breve nota sobre a *skholé* e a escola para o início do ano letivo

Enio Starosky¹

Todos os anos, nos meses de janeiro ou de fevereiro, a maioria de nós brasileiros, tira alguns dias ou um tempo de férias. É um período especial para descansar, para lazer, de estar mais perto da família. Um tempo de ócio, de não fazer nada.

Embora aqui e ali, nos últimos anos, tenhamos visto referências positivas às férias, a esse tempo de “não fazer nada”, ainda é quase impossível imaginar – devido à nossa mentalidade profundamente “trabalhista” – um elogio ao ócio (*skholé*) e uma séria reprimenda ao “totalitarismo do mundo do trabalho” (Josef Pieper) que, negativa e compulsivamente, se ocupa do negócio (*neg-otium*).

No entanto, para o início de um novo ano letivo, quero tecer algumas considerações que levem nossos jovens leitores a refletir sobre o ócio, uma vez que ele remete a questões educacionais fundamentais. Convido-os a abandonar a ilusória verdade de que não há valor no ócio e a desconfiar do absolutismo do trabalho.

As sugestivas implicações para a educação provêm até mesmo da etimologia: Estudar, estudo, é (real e) etimologicamente (*studio*) zelo, aplicação, dedicação de quem ama o que faz. Considerar o estudo alguma coisa aborrecida seria simplesmente impensável para os clássicos.

E “escola”, por sua vez, remete a *skholé* (*otium*, ócio). *Skholé*, para Aristóteles – e para toda a tradição grega – nada tem que ver com o ócio vazio, com a ociosidade “mãe de todos os vícios”, mas trata-se antes de algo fundamentalmente positivo e essencial: a atitude de serena festa da alma que se deleita na contemplação da verdade, despertada pelo olhar de admiração. Assim, a *skholé* não se reduz a “tempo livre”; é, como dizíamos, uma disponibilidade do espírito para admirar e contemplar a maravilha da criação – claro que a opressão do excesso de trabalho (e trabalheiras da vida) podem dificultar o cultivo dessa atitude (fomentada até pelo terceiro mandamento da Lei de Deus).

Skholé é condição *sine qua non* para o filosofar e a admiração (de acordo com a tradição grega e também do pensamento cristão) é mesmo o princípio não só do filosofar, mas também da poesia (do “poetar”) e também da contemplação religiosa.

Cai muito bem aqui aquele verso genial de Adélia Prado:

¹. Mestre em Educação e Doutor em Ciências da Religião pela Umesp. Diretor do Colégio Luterano São Paulo. Esta nota procura aplicar à escola antigos diálogos mantidos com o Prof. Dr. Jean Lauand, orientador de meu mestrado e doutorado.

“De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra e vejo pedra mesmo.”

Studio, estudar é, como dizíamos, o entusiasmo com que o ator cultiva a interpretação perfeita de seu personagem; é o carinho com que um Messi, em dia inspirado, acaricia a bola e toma distância para cobrar a falta que já se antevê que resultará em um golazo. E se *skholé* é festa da alma, então nosso estudo e nossas escolas nem sempre correspondem ao que deveriam ser. O estudo é visto como algo árduo e há muitas escolas que lembram presídios – com suas grades e alunos perguntando que horas o professor vai “soltar” a classe. A falta de *studio* e da *skholé* estão por trás de problemas de indisciplina, vandalismo, bullying etc. Infelizmente as escolas que melhor realizam o ideal clássico de *skholé* e *studio* são as... Escolas de Samba! Nelas, milhares de integrantes participam com amor e espontaneidade e não medem sacrifícios em seu alegre devotamento à Escola.

A educação cristã (e não só ela...) pode ser imensamente mais rica se estiver assentada na *skholé* e no *mirandum* (aquilo que suscita a admiração). Para isso não é necessário inventar nada: basta recuperar seu sentido originário ou parafraseando a célebre sentença de Píndaro: “Escola, torna-te o que és!”.

Recebido para publicação em 12-06-23; aceito em 24-07-23